

## NOTAS E RECENSÕES

### SIGNIFICAÇÃO DAS TÉCNICAS DE TELEDETECCÃO PARA A PESQUISA GEOGRÁFICA

*Remote-sensing* é a expressão que os americanos adoptaram para designar as técnicas de observação a distância, quando os registos dos primeiros satélites artificiais vieram mostrar que começava uma idade nova no campo da recolha de dados científicos. Os brasileiros traduziram por *sensoriamento remoto*; os promotores do Seminário, do qual se dá conta a seguir, escolheram a expressão *deteccão remota*. Parece mais adequado à língua portuguesa falar em *teledeteccão*, à semelhança de outras palavras usuais como telefone e televisão e à imitação de outras línguas latinas.

Os geógrafos portugueses manifestaram, desde a sua aparição, interesse pelas novas técnicas de observação a distância, cuja primeira forma foi a das fotografias aéreas. Basta lembrar as magníficas vistas oblíquas publicadas em 1940 por A. FERNANDES MARTINS, no seu livro *O Esforço do Homem na Bacia do Mondego*, e também que o primeiro «Documento para o Ensino» da *Finisterra* foi consagrado à interpretação de fotografias aéreas. Mas, em 1960, ir além e «afastando as nuvens, aperceber-se da redondeza do planeta... abarcar as grandes unidades terrestres» <sup>(1)</sup> era ainda um sonho. No entanto, os progressos seguintes foram rápidos. Em 1969, a propósito do «Movimento actual da Geografia Humana na Suécia» evocava-se na *Finisterra* «a nova tecnologia do *remote-sensing*», indicava-se que estavam em curso na Suécia estudos «para adaptar o *remote-sensing* a sistemas de informação urbanos, em questões como a da poluição atmosférica, classificação da utilização do espaço, propriedades físicas dos edifícios (materiais e volume) e correntes de tráfego» <sup>(2)</sup>.

O recente *Seminário sobre Deteccão Remota*, no qual participaram vários geógrafos, parece marcar em Portugal o começo de uma era caracterizada pela entrada no domínio da utilização corrente da documentação colectada e difundida pelos satélites. Se, como se notou já em 1969, «esta nova tecnologia, para poder ser plenamente utilizada, terá de ser combinada com a informação colhida à superfície», é urgente

(1) O. RIBEIRO, *Atitude e Explicação em Geografia Humana*, Porto, 1960, p. 11.

(2) T. HAGERSTRAND e J. GASPAR, *Finisterra*, IV-7, p. 25-26.

estudar e ponderar as possibilidades e exigências da integração deste potente instrumento no nosso arsenal de recolha de dados. Daqui a decisão de publicar, neste número da nossa revista, uma série de contribuições susceptíveis de despertar o interesse dos leitores e de promover pesquisas mais aprofundadas, permitindo assim a «naturalização» e a integração da teledetecção no domínio geográfico, tanto a nível da investigação como no ensino e difusão de resultados.

*SUZANNE DAVEAU*